

A PSICOLOGIA E SEU PERCURSO DE DESLOCAMENTOS

•*uma prática constituída em bordas*•

Mônica Ramos Daltro*, Milena Pereira Pondé**

Autora correspondente: Mônica Ramos Daltro - monicadaltro@bahiana.edu.br

* Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

** Doutorado sanduiche no Douglas Hospital, McGill University, Montreal-Canadá. Pós-Doutorado na Divisão de Psiquiatria Social e Cultural na McGill University, Montreal-Canadá. Professora e orientadora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Resumo

A psicologia é frequentemente apresentada pela literatura a partir de diferentes perspectivas teóricas e ideológicas como ciência e profissão. Sua polivalência e ambiguidade identitária decorre não só da complexidade própria da pessoa humana, mas também de uma rica constituição histórica resultante da interface com outros campos de conhecimento. Com esta perspectiva este estudo, configurado como uma pesquisa bibliográfica exploratória apresenta o percurso de deslocamento feito pela psicologia ao longo de sua história até a atualidade destacando três campos discursivos, o percurso no qual a Psicologia se torna ciência, se entrelaça à clínica e se constrói no Brasil. A análise realizada identifica a impossibilidade de referir uma identidade essencial a psicologia e a apresenta como um campo, constituído por práticas e fundamentações epistemológicas distintas e muitas vezes antagônica.

Palavras-chave: História da psicologia; Ciência; Clínica.

THE PSYCHOLOGY AND ITS DISPLACEMENTS

•*a practice built on the fringes*•

Abstract

The psychology is frequently presented by authors from different theoretical and ideological perspectives as both science and profession, being usually referred to as polyvalent and full of identity ambiguities resulting not only from the human complexity itself but also from a very rich constitution of the psychology field of research on the fringes of many other fields of knowledge and research (1-8). By keeping that in mind, this essay presents a pathway of displacements taken by the psychology research field from its early history to nowadays, remarking the impossibility to pinpoint a single essential identity

to the psychology field of research. Instead of affirming an identity, this essay presents it as a vast field, built on different practices and distinctive epistemic principles that can manifest many times as antagonistic forces. Thus, it remarks the complexity presented in the formative education of a psychologist.

Keywords: History of psychology; Science; Clinical.

1 A PSICOLOGIA E SEU PERCURSO DE DESLOCAMENTOS

A psicologia é frequentemente apresentada por autores de diferentes perspectivas teóricas e ideológicas como ciência e profissão, sendo referenciada pela sua polivalência e ambiguidade identitária que é decorrente não só da complexidade própria da pessoa humana, mas também de uma rica constituição histórica resultante da interface com outros campos de conhecimento.⁽¹⁻⁸⁾ Com esta perspectiva, este ensaio realiza um breve percurso referente ao deslocamento feito pela psicologia ao longo de sua história até a atualidade, destacando a impossibilidade de referir-se a uma identidade essencial, única. Em lugar de afirmar uma identidade profissional para a psicologia, este estudo a apresenta como um campo, constituído por práticas e fundamentações epistemológicas distintas e muitas vezes antagonísticas, deixando evidente a complexidade envolvida no processo de formação do psicólogo.

Embora existam muitas psicologias com distintas concepções, o senso comum a identifica como uma profissão *de ajuda* e reconhece a sua ação como uma prática eminentemente clínica. Na literatura encontrada,^(3,9-15) essas percepções sobre a psicologia estão definidas a partir do modelo de subjetividade cartesiano, que faz marca preponderante na história da psicologia nos últimos cem anos, referenciado no discurso biomédico tecnicista ou fundamentado na filosofia de origem cristã.

2 PERCURSO NO QUAL A PSICOLOGIA SE TORNA CIÊNCIA

De fato, a psicologia é semeada no contexto da teologia cristã, embora a produção de conhecimentos sobre os processos psicológicos esteja registrada desde os primórdios da história humana. Entretanto, a palavra *Psychologia* surge no século XVI para designar o estudo ou ciência da alma. Sua origem estava diretamente ligada ao conhecimento relacionado às questões sobrenaturais, como fantasmas, possessões demoníacas e alma.

Com a posterior contribuição da filosofia, a concepção de alma é abandonada em detrimento do conceito de consciência.^(1,2,16) A emergência do liberalismo e o crescimento do capitalismo possibilitaram à psicologia florescer enquanto ciência, separada de sua origem teológica. Ela herda do Iluminismo a preocupação de compreender o homem a partir das leis naturais.^(5,6) Ao longo de sua constituição identitária, distintos projetos para uma psicologia científica foram desenhados, sendo o mais conhecido deles, aquele inspirado pelos estudos de Darwin, que afirmava que o indivíduo biológico modifica-se progressivamente, segundo as exigências/estímulos do meio. Esse modelo apresenta uma psicologia organizada a partir de paradigmas de uma ciência baseada em evidências.⁽¹⁶⁾

Com o declínio das crenças liberais do Renascimento e do Romantismo, ao final do século XVIII, nasce a psicologia como ciência da subjetividade e, sequencialmente, a noção de subjetividade privada, identificada por Figueiredo e Santi⁽¹⁷⁾ como modelo regente da identidade científica da psicologia até os dias atuais.

Ao final do século XIX, essa psicologia se fortalece ao voltar-se para a possibilidade de previsão e controle científico do comportamento humano, pondo em evidência a percepção de que a liberdade e a singularidade dos indivíduos eram ilusórias.^(4,16,17)

O alemão Wundt é reconhecido como o pioneiro na formulação do projeto de psicologia como ciência e apresenta uma psicologia dividida, *a priori*. Para ele, a psicologia era uma ciência intermediária, independente das tradicionais referências presentes nas ciências biológicas ou humanas. Seu objeto de estudo foi a experiência imediata dos sujeitos e sua finalidade estava circunscrita à pesquisa dos processos elementares da vida mental e análise dos fenômenos sociais.^(4,17)

Ainda no começo do século XX, outro projeto de psicologia científica emerge no cerne da cultura americana, com o psicólogo J. B. Watson, cujo objeto de estudo foi o próprio comportamento e as suas interações com o ambiente. Esse cientista torna-se o grande expoente do Behaviorismo Metodológico, que defende a observação e a experimentação como únicos métodos possíveis para a produção científica, questiona a introspecção como fonte de dados para a psicologia e investe no uso de experimentos laboratoriais. No comportamentalismo, a experiência subjetiva ocorre numa cisão entre a vivência e o comportamento, deixando de lado a vivência em detrimento das forças biológicas e ambientais que controlam e dirigem o comportamento.⁽¹⁸⁾

Na modernidade, a psicologia especializa-se, divide-se em campos de atuação e mobiliza o desenvolvimento de novos arcabouços teóricos e técnicos cada vez mais específicos e delimitados. Guiada pela racionalidade cientificista, põe-se a

serviço do ideário capitalista de progresso social, associa-se aos paradigmas da medicina de melhoria do gênero humano. Essas referências biomédicas enquadram a própria noção de qualidade de vida da população, na retificação das anormalidades e a psicologia se fortalece a partir dessa perspectiva.^(19,20)

3 PERCURSO NO QUAL A PSICOLOGIA SE ENTRELAÇA À CIÊNCIA E À CLÍNICA

A psicologia consolida-se no século XX no campo do anormal, do patológico e suas ações configuram-se como práticas categorizadoras e adaptativas em resposta às dimensões socioculturais da época. O avanço dos testes psicológicos como instrumentos suscetíveis à medição de traços característicos de população e as teorias do desenvolvimento fortalecem a psicologia como ciência que se expande pelo mundo, agora também apta a explicar de forma geral o comportamento de grandes populações.⁽¹⁶⁾

A concepção de subjetividade, presente nessa psicologia, elimina a condição singular dos sujeitos concretos, assim como as especificidades qualitativas das entidades grupais, favorecendo as ideais de controle social.^(5,16,19,20) Essa perspectiva cientificista da psicologia constitui-se a partir do registro da natureza biológica e da animalidade. Coloca-se a concepção de natureza humana, na qual o homem é dotado de uma essência ao nascer, um referencial vitalista pressuposto numa universalidade.^(5,19)

A American Psychological Association (APA), uma das mais importantes organizações ligadas à psicologia no mundo, assume o comportamento como objeto de estudo da psicologia e define sua identidade a partir de três aspectos: como disciplina acadêmica, como ciência e como profissão, concepções que vigoram até o presente momento.^(16,21)

No processo de construção de uma identidade plural, a psicologia recebeu a importante contribuição da psicanálise no fim do século XIX. A psicanálise apresentou-se como uma oposição ao discurso cientificista-positivista. Embora seu discurso tenha sido historicamente tecido no registro biológico do vitalismo, como coloca Birman,⁽²²⁾ a clínica psicanalítica compreende os fenômenos psíquicos como resultantes de processos simbólicos, de representações e propõe um modelo de ciência construtivo-interpretativo.⁽¹⁶⁾

Com essa concepção, Freud revoluciona o pensamento psicológico quando outorga à sexualidade e à ontologia pulsional a responsabilidade pelas enfermidades psíquicas e, a partir daí, não é mais possível dissociar o papel da psique nos processos de saúde-doença.⁽¹⁶⁾ O modelo teórico e prático proposto por Freud rompe de forma definitiva com o positivismo metodológico e coloca a psicologia, pela primeira vez, no campo da clínica. Ele enuncia, em 1891, que o psiquismo é um aparelho de linguagem e que o discurso se constituiria como um instrumento de cura para as perturbações psíquicas e somáticas.⁽¹⁹⁾

Em meados do século XX, Lacan surge como um expoente revolucionário da terceira geração de psicanalistas franceses. Influenciado pelo estruturalismo de Lévi-Strauss e pela linguística de Saussure, coloca a linguagem como centro da organização central do processo psíquico ressignificando essa noção de mundo interno e externo. Lacan⁽²³⁾ atribui uma importância fundamental ao significante na produção do significado, pondo o desejo e a incompletude no centro do processo de subjetivação do sujeito; mantém a concepção freudiana de que o objeto de estudo da psicanálise é o inconsciente, entretanto, apresenta uma concepção de psiquismo não mais atravessada pela normatividade do sexual.

Nessa perspectiva, Lacan⁽²³⁾ posiciona-se criticamente em relação a uma psicologia subordinada a um modelo de subjetividade fundamentado na consciência, no *cogito* e na ilusão da completude, na exigência da felicidade total, forjada no discurso

médico/laboratorial da modernidade. Para ele, ao aprisionar o psiquismo, exclusivamente, a um fato, à hereditariedade ou mesmo ao cérebro, a psicologia reduz seu objeto de estudo a um fim biológico, limitando suas próprias possibilidades identitárias.

Depois da Segunda Guerra Mundial, alguns psicólogos europeus migram para os Estados Unidos, entre eles Kurt Lewin e Karen Horney, onde inauguram a Psicologia Humanista com uma fundamentação gestalista e uma visão de mundo voltada para o existencialismo e a fenomenologia. Seu objetivo era captar a vivência imediata do sujeito em sua intimidade e profundidade, colocar o indivíduo como soberano quanto as suas decisões e atitudes, livre, ativo e criativo. Essa vertente da psicologia opunha-se ao comportamentalismo, que atribuía ao meio todo o poder de decisão sobre o indivíduo.^(4,16) O humanismo apresenta uma concepção de sujeito holístico, capaz de realizar-se e de adaptar-se ao meio, embora pragmático; opõe-se de forma radical à metodologia positivista, prioriza um ser humano essencialmente bom e otimista, converte os estados humanos em abstrações portadoras de sentidos universais.⁽¹⁶⁾

Pode-se observar como a construção do pensamento psicológico que fundamentou a consolidação da psicologia como ciência apresentou, no cerne de suas discussões, uma dicotomia, seja entre o social e o individual, o consciente e o inconsciente, o corpo e a alma, uma unidade psicofísica e um paralelismo psicofísico. Na primeira metade do século XX, a psicologia investiu no estudo da consciência, dos processos cognitivos e sensoriais; a clínica psicanalítica focou os indivíduos, enquanto a psicologia aplicada fortalecia-se na criação e validação de testes, medidas e padronizações populacionais.⁽¹⁶⁾

Múltipla e inquieta, a psicologia testemunha o crescimento da psicologia humanista e também da social como alternativa crítica ao cientificismo e preocupada em responder às demandas mais populares da sociedade. Também se contrapõe à prática clínica, por considerar que ela havia tomado contornos elitistas.^(15,24) Assim, considera que o in-

divíduo só existe inserido numa cultura e num tempo histórico.⁽¹⁷⁾

Com o final da Guerra Fria, a psicologia social se fortalece quando o Ocidente tem acesso à obra de Vygotsky,⁽²⁵⁾ teórico da psicologia social que afirmava que os fenômenos psicológicos constituem-se como relações sociais convertidas no sujeito pela mediação. Na fronteira entre o público e o privado, o sujeito de Vygotsky constitui-se na intersubjetividade e rompe com a dicotomia entre indivíduo e social, entre interno e externo, abstrato e objetivo.⁽²⁶⁾

Já no final do século XX, nas décadas de 1980 e 1990, Edgar Morin⁽²⁷⁾ propõe pensar a ciência a partir de uma nova perspectiva, não mais baseada na racionalidade das categorias newtonianas de espaço, tempo, matéria e causalidade, mas no pensamento complexo. Para Morin,⁽²⁷⁾ o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional, reconhece o princípio da incompletude e da incerteza, na medida em que considera as estruturas dos fenômenos como sendo dinâmicas, imprevisíveis, incontrolláveis em permanente movimento de reconstrução. Essa dimensão de dinamicidade, de não linearidade, demanda à ciência o reconhecimento dos fenômenos a partir da ambiguidade e da ambivalência como elementos integrantes da análise destes mesmos fenômenos, assim como da necessidade de voltar seus esforços na direção da criação e recriação de novos caminhos, que superem a objetividade coisificante presente especialmente nos discursos da ciência baseada em evidência.

A partir dessa noção de complexidade, emerge no campo da psicologia o modelo sistêmico, trazendo consigo a perspectiva construtivista, com sua concepção de *self* referida em termos relacionais, processuais e contextuais, que põe em evidência a concepção de interdisciplinaridade como um único modelo a dar conta da complexidade da compreensão do ser humano, da realidade propriamente dita.⁽²⁸⁾ Nessa perspectiva, o psicólogo não ocupa uma posição de neutralidade nem tem uma função interpretativa, o que lhe permite distanciar-se do ideário

individualista, engendrado na cultura como representação do saber *psi*.⁽²⁹⁾

O século XXI chega trazendo novos paradigmas já consequentes da globalização e do advento da Internet, entre eles uma concepção de homem, de mundo e também de modelos de subjetividade presentes na psicologia. No Brasil, os discursos referentes à psicologia social se impuseram em confronto ao poderoso discurso da clínica das patologias, emergindo daí uma nova psicologia. Essa disputa de forças contemporâneas apenas reafirma a permanente divisão da psicologia em suas diferentes formas de pensar o ser humano e seus processos de interação com o mundo. Essa divisão está no bojo da sua identidade, que se firmou como ciência independente das outras áreas do saber,^(10,17) embora a fundamentação epistemológica dessa ciência seja frágil e evidencie muito mais claramente uma perspectiva de campo que se vale do uso de metodologias de outros campos de conhecimento.^(30,31) Para Silva,⁽³²⁾ Hall,⁽³³⁾ Birman⁽³⁴⁾ e Bauman,⁽³⁵⁾ pensadores das questões contemporâneas, a identidade é cultural e socialmente atribuída. Para eles a concepção de identidade só emerge em campos onde existem muitas ideias e possibilidades, em campos que incluem diversidades e diferenças. A ideia de pertencimento identitário na psicologia realiza-se exatamente na existência de muitas psicologias.

4 O PERCURSO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

A história da psicologia no Brasil também dá suporte à emergência desse campo com muitas psicologias. Para Massimi,⁽²⁾ o hibridismo identitário está na raiz da psicologia brasileira, que emergiu nos domínios da medicina e da educação. Segundo ela, a preocupação com os fenômenos psicológicos está registrada desde os documentos coloniais, com autores formados pelas escolas portuguesas, especialmente aqueles preocupados com o desafio educativo de disseminar entre os índios a ideologia e a religião dominante.

No período pós-colonial, no início do século XIX, a busca por uma identidade nacional permitiu a criação de várias instâncias de formação social, entre elas a universidade, na qual a produção do conhecimento sobre a psicologia esteve atrelada ao desenvolvimento da medicina. Os ventos do liberalismo europeu chegaram ao Brasil com a universidade, trouxeram o positivismo, o espiritualismo e o idealismo como novas perspectivas para a educação e a medicina. Com isso, o conhecimento sobre a psicologia passa a ser associado às discussões sobre a vida psíquica (alma, identidade, sexualidade), nos fenômenos psíquicos (emoção, percepção, motricidade), nos domínios das consideradas patologias da época (pederastia, histeria, prostituição, doença mental) ou na medicina legal responsável pelos estudos referentes aos crimes e psicopatias.^(2,3)

No final do século XIX com o projeto nacional de higienização da cultura, a psicologia se fortalece e conquista, nesse âmbito, o estatuto de ciência autônoma a serviço dos ideais de modernidade, ordem, progresso e racionalidade. Seus objetivos apoiavam simultaneamente o controle comportamental a partir dos princípios da eugenia e da higiene mental, que ambicionavam o fortalecimento de uma nação próspera, moderna e mais saudável, educada a partir de modelo sustentado no uso de castigos e recompensa e na normatização da sociedade, e com a criação de hospícios e asilos, sem nenhuma preocupação terapêutica.^(2,3,10,36)

Pereira, & Pereira Neto⁽³⁷⁾ analisam a história da psicologia a partir de três períodos, referenciados na história da profissão no Brasil. No primeiro período, denominado pré-profissional, a psicologia ainda não havia sido regulamentada, o período está situado entre a criação das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia (1833) e o final do século XIX (1890), referidos por Massimi⁽²⁾ como período colonial e pós-colonial. O segundo período, de profissionalização, está situado entre 1890/1906 e 1975, abrange a gênese da institucionalização da prática psicológica até a regulamentação da profissão e a criação dos seus dispositivos formais. O terceiro período corresponde à conso-

lidação institucional da profissão tornando-se detentora de um determinado mercado de trabalho, ainda que compartilhado com a medicina e com a educação.

A partir do segundo período acima referido, dois projetos para a profissão se colocam de forma antagônica. Por um lado a psicologia floresceu, segundo Russo,⁽³⁸⁾ em meio à repressão política e o movimento da contracultura, aliado à anti-psiquiatria, quando as bandeiras políticas dos anos 1960/1970 puseram em evidência questões da vida íntima e do cotidiano, como sexualidade, autoridade na família e defesa das chamadas minorias, permitindo colocar-se como um terreno fértil para prosperar e se fortalecer como uma profissão orientada para as demandas da sociedade, alimentado por Silvia Lane, Sylvia Leser e, mais recentemente, Ana Bock. Por outro, como afirma Yamamoto,⁽³⁹⁾ constituiu seu processo de consolidação identitária, comprometida com o capital, com o consumo e identificada com uma ideologia de ajustamento e adaptação, predominantemente a serviço de uma ideologia dominante, defensora da organização racional do trabalho, das propostas da psicologia aplicada aos sistemas produtivos, alimentadores das desigualdades sociais e da patologização da cultura, que estavam na raiz de seu nascimento.

A implementação de políticas sociais e públicas, especialmente a partir da década de 1990, colocou à psicologia o desafio de se defrontar com sua história de elitização para que pudesse construir uma prática voltada para a maioria da população. Neste contexto, a psicologia social e comunitária se fortalece e, segundo Freitas,⁽⁴⁰⁾ depara-se com três demandas: a primeira de atuar de maneira não mais individual e psicologizante; a segunda de integrar equipes de trabalho multiprofissional; e por último, incorporar fenômenos sociais como objeto de investigação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este percurso é possível reconhecer a existência de dois projetos para a profissão de psicólogo,

antagônicos em termos ideológicos, que circulam no território nacional, não implica a necessidade de restringir a pluralidade identitária da psicologia, pois esta é uma especificidade que brota dos campos de práticas, de conhecimentos, de pesquisas. Rosas,⁽⁴¹⁾ já na década de 1980, afirmava que essa especificidade sempre se constituiu como um dilema para a psicologia, marcado também pela necessidade de adoção do modelo científico das ciências naturais ou o hibridismo das ciências humanas.

Para as autoras deste estudo, a psicologia, em todo o seu percurso, se depara com o dilema de reconhecer sua natureza singular, de ciência e profissão, que demanda de seus atores uma posição subjetiva híbrida colocada entre as ciências humanas e ciências da saúde, sem desprezar a tradição do método introspectivo, nem a herança da psiquiatria tradicional, nem as construções hipotéticas ou práticas de inspiração psicanalítica, gestalista ou behaviorista.⁽⁴¹⁾ Trata-se de, fundamentalmente, conservar-se numa posição laica, aberta à diversidade, voltada para sujeitos singulares em constante processo de deslocamento.

REFERÊNCIAS

1. Malvezzi S. A profissão dos psicólogos - uma história de promoção humana. In: Bastos AV, Gondim SMG, editores. O trabalho do psicólogo no Brasil. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 17-32.
2. Massimi M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU; 1990.
3. Massimi M. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In: Jacó-Vilela AM, Ferreira AAL, Portugal FT, editores. História da Psicologia, rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau; 2006. p. 32-52
4. Schultz DP, Schultz SE. História da psicologia moderna. 9ª ed. São Paulo: Thomson Learning; 2009.
5. Bock AMB. A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003.
6. Moraes M. A psicologia como reflexão sobre as práticas humanas: da adaptação à errância. *Estud. psicol (Natal)*. 2003;8(3):535-9.
7. Canguilhem G. Que é a psicologia? *Impulso*. 1999;11(26):11-26.
8. Foucault M. A psicologia de 1850 a 1950. In: Motta MB, organizador. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1999. p. 122-39.
9. Massimi M. Ideias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In: Jacó-Vilela AM, Ferreira AAL, Portugal FT, editores. *História da Psicologia, rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed.; 2006. p. 57-69
10. Antunes MAM. A Psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissão. In: Massimi M, Guedes MC, editores. *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Cortez; 2004. p. 43-59
11. Tourinho EZ, Carvalho Neto, MB; Neno S. A psicologia como campo de conhecimento e como profissão de ajuda. *Estud Psicol [Internet]*. 2004 [acesso em 29 set. 2014];9(1):17-24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100003&lng=en&nrm=iso
12. Magalhães M, Straliozzo M, Keller M, Gomes WB. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicol. cienc. prof.* 2001;21(2):10-27. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000200003>
13. Souza L, Trindade ZA. A representação social das atividades profissionais do psicólogo em segmentos de classe média e baixa na cidade de Vitória, ES. *Psicol. teor. pesqui.* 1990;6(3):267-79.
14. Leme MAVS, Bussab VSR, Otta E. A representação social da psicologia e do psicólogo. *Psicol. cienc. prof. [Internet]*. 1989 [acesso em 15 mar de 2014];9(1):29-

35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98931989000100009.
15. Bastos AVB, Silveira IGA, Tironi MOS, Martins AHCG. A formação do psicólogo organizacional: reflexões a partir do caso baiano. *Psicol. teor. pesqui.* 1987;3(3):206-23.
 16. González Rey FL. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2003.
 17. Figueiredo LCM, Santi PLR. Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência. 3ª ed. São Paulo: EDUC; 2013.
 18. Ferreira AAL, Gutman G. O funcionalismo em seus primórdios: a psicologia a serviço da adaptação. In: Jacó-Vilela AM, Ferreira Leal AA, Portugal FT, organizadores. *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed.; 2005. p. 121-40.
 19. Birman J. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2007.
 20. Foucault M. Vigiar e punir. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2004.
 21. Serbena CA, Rafaelli R. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. *Psicol. estud [Internet]*. 2003 [acesso em 14 mar 2014];8(1):31-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n1/v8n1a05.pdf>
 22. Birman J. Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2009.
 23. Lacan J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.
 24. Bastos ABV, Gondim, SMG. O trabalho do psicólogo no Brasil. Porto Alegre: Artmed; 2010.
 25. Vygotsky LS. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
 26. Molon SI. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotski. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.
 27. Morin E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2006.
 28. Soar Filho EJ. Novos paradigmas da psicologia e das terapias psicológicas pós-modernas. *Psicol. teor. pesqui.* 1998;14(1):85-93.
 29. Dimenstein M. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estud. psicol (Natal) [Internet]*. 2000 [acesso em 14 mar. 2014];5(1):95-121. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v5n1/a06v05n1.pdf>
 30. Senne WA. Psicologia e saúde: formação e profissão Mnemosine [Internet]. 2011 [acesso em 10 ago. 2015];7(2):89-103. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/230>
 31. Ferreira AAL. A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos. *Hist. ciênc. saúde-Manguinhos [Internet]*. 2006 [acesso em 4 fev. 2015];13(2):227-38. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000200002&lng=en&nrm=iso
 32. Silva TT. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014.
 33. Hall S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2006.
 34. Birman J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2006.
 35. Bauman Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar; 2005.
 36. Antunes MAM. A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo: Educ; 1998.
 37. Pereira FM, Pereira Neto A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicol. estud.* 2003;8(2):19-27.

38. Russo JA. A difusão da psicanálise nos anos 70: indicações para uma análise. In: Ribeiro I. (Org). Sociedade brasileira contemporânea: família e valores. São Paulo: Loyola; 1987.
39. Yamamoto OH. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? *Psicol. cienc. prof.* [Internet]. 2012 [acesso em 3 jul. 2015];32(spe):6-17. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500002&lng=en&nrm=iso
40. Freitas MF. Q. Práxis e formação em Psicologia Social Comunitária: exigências e desafios ético-políticos. *Estud. psicol. (Campinas)*. [Internet]. 2015 [acesso em 11 fev. 2016];32(3):521-532. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=SO103-166X2015000300521&lng=pt&nrm=iso
41. Rosas PS. O dilema da psicologia na contemporaneidade. *Psicol. cienc. prof.* 1981;1(1):42-90.